

Identidades imigrantes na criação artística e literária: o caso de Tomasz Łychowski

*Immigrant identities in artistic and literary creation:
the case of Tomasz Łychowski*

Renata Siuda-Ambroziak

Uniwersytet Warszawski, Polônia/Universidade Federal de Santa Catarina – CAPES PRINT
ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6594-0058>
E-mail: r.siuda@uw.edu.pl

Anna Jamrozek-Sowa

Uniwersytet Rzeszowski, Polônia
ORCID iD: <http://orcid.org/0000-0002-2059-581X>
E-mail: ajamrozek@ur.edu.pl

Recepción: 26.10.2023

Aprobación: 11.11.2023



Resumo: O objetivo do trabalho é a apresentação do processo da construção identitária de Tomasz Łychowski, imigrante pós-guerra no Brasil, refugiado do nazismo e do comunismo, feita à base da análise das suas obras artísticas (criação literária e pintura) e da sua (auto)biografia. Tomasz Łychowski é angolano-polonês-alemão naturalizado brasileiro, que chegou no Brasil como criança acompanhando os seus pais - DPs (mãe alemã, ativista do movimento da oposição anti-nazista polonesa, e pai - militar polonês do Exército do Estado Polonês Clandestino, AK, ligado ao governo polonês anticomunista exilado em Londres). Distanciando-se do modelo do “sofrimento identitário” típico da maioria dos imigrantes na primeira geração, Tomasz Łychowski aceita com gratidão o seu destino no Brasil, aproveita a grande riqueza do seu *background* multicultural, multiétnico e multi-identitário, procurando o seu próprio universo particular (ligado estreitamente com a sua conversão religiosa e filiação oficial católica assumida como adulto), onde as suas várias identidades não se opõem uma a outra, mas se complementam e mutualmente se enriquecem.

Palavras-chave: identidade, migração, arte, Brasil, Tomasz Łychowski

Abstract: The objective of the article is to present the process of identity construction of Tomasz Łychowski, a post-war immigrant in Brazil, a refugee from nazism and communism, based on the analysis of his artistic works (literary creation and painting) and his biography. Tomasz Łychowski is an Angolan-Polish-German, naturalized Brazilian, who arrived in Brazil as a child accompanying his parents - DPs (German mother, an activist of the Polish anti-Nazi opposition movement, and Polish father – a soldier of the Clandestine Polish State Army, AK, linked to the anti-communist Polish government in exile in London). Distancing himself from the model of “identity suffering” typical of most first-generation immigrants, Tomasz Łychowski gratefully accepts his Brazilian destination and takes full advantage of the great richness of his multicultural, multi-ethnic and multi-identity background, searching for his own private universe (closely linked to his religious conversion and official Catholic affiliation assumed as an adult), with his various identities not opposing each other, but complementing and mutually enriching each other.

Keywords: identity, migration, art, Brazil, Tomasz Łychowski

Que culpa tenho eu – nascido em Angola – de não ser negro?
 Adotado pelo Brasil, de ser gringo? Que culpa?
 De ser filho de alemã na Polônia, de polonês na Alemanha?
 Chega de falsas culpas! Já não bastam as verdadeiras?
Tomasz Łychowski

INTRODUÇÃO

O objetivo do trabalho é a apresentação do processo da construção identitária de Tomasz Łychowski, imigrante pós-guerra no Brasil, refugiado do nazismo e do comunismo, feita à base da análise das suas obras artísticas (criação literária e pintura) e da sua (auto)biografia. Tomasz Łychowski é angolano-polonês-alemão naturalizado brasileiro, que chegou no Brasil como criança acompanhando os seus pais - DPs (mãe alemã, ativista do movimento da oposição anti-nazista polonesa, e pai, militar polonês do Exército do Estado Polonês Clandestino, AK, ligado ao governo polonês anticomunista exilado em Londres).

O caso do Tomasz Łychowski é interessante por causa da sua plena aceitação da própria multi-identidade, aproveitada como uma ponte para imersão na sociedade receptora (brasileira), sem perder os laços com muitos outros mundos identitários, anteriores ao brasileiro. Tomasz Łychowski assume todas as suas identidades, sem descartar nenhuma, salientando sempre, no entanto, a importância da sua polonidade (herdada do seu pai – polonês e adotada pela sua mãe alemã) e da sua brasilidade, que tem a ver com o acolhimento permanente no país receptor. Distanciando-se do modelo do “sofrimento identitário” típico da maioria dos imigrantes e refugiados da guerra (do nazismo e do comunismo) na primeira geração, Tomasz Łychowski aceita com gratidão tudo que aconteceu na sua vida, permitindo ele sobreviver os tempos sombrios, e aproveita a grande riqueza

do seu *background* multicultural, multiétnico e multi-identitário, procurando o seu próprio universo particular (ligado estreitamente com a sua conversão religiosa e filiação oficial católica assumida como adulto), onde as suas várias identidades não se opõem uma a outra, mas se complementam e mutualmente se enriquecem.

A história da construção identitária do Tomasz Łychowski poderia ser, teoricamente, complicada, se olharmos a sua biografia e origens mistas, impactadas pelo contexto histórico da Segunda Guerra Mundial e das suas consequências nefastas para a Europa, para a Polónia e para a família Łychowski em particular. Entretanto, surpreendentemente, ela é desenvolvida com a simplicidade de quem a constrói com grande respeito por cada um dos seus ingredientes.

Segundo a perspectiva histórica da subjetividade formulada por Hall, adotamos para a nossa análise do caso de Tomasz Łychowski uma definição fluida de identidade (Hall, 2005; Hall, 1990: 222-237; Hall, 2006), baseada em três premissas-chave:

- A construção da identidade é sempre um processo historicamente situado, que sofre mudanças com o tempo e com as circunstâncias. No caso do Łychowski, foram, antes de tudo, a Segunda Guerra Mundial e as suas consequências, que influenciaram na construção identitária do jovem Łychowski;
- As identidades são múltiplas e podem entrar em conflito, sendo às vezes algumas mais importantes do que outras. As mudanças de identidade são naturais, redefinindo grupos de referência e sistema de valores, às vezes de uma maneira dramática. No caso do Łychowski, a identidade polonesa tornou-se, por causa da guerra e das decisões tomadas naquele tempo pelos pais, a mais importante, pelo menos até a sua chegada no Brasil e a decisão sobre a sua permanência no país receptor. Depois, com a aquisição da nacionalidade brasileira e estabelecimento do centro da sua vida familiar e profissional no Rio de Janeiro, a identidade brasileira começou com o tempo a se impor, de uma maneira natural, a todas as anteriores. No entanto, as múltiplas identidades do adulto Łychowski não entram em conflito entre si, apesar do fato de que a polonesa e a brasileira parecem ser as mais importantes. Łychowski preserva o devido espaço para cada uma delas.
- As identidades são híbridas, especialmente por causa dos deslocamentos ligados aos movimentos migratórios, caracterizando-se por diversos graus de intensidade e passando por várias fases da biculturalidade antes

da plena integração na sociedade receptora. No caso do Łychowski, imigrante da primeira geração planemante integrado na sociedade brasileira (carioca), as outras identidades, além da brasileira, tornaram-se secundárias, misturadas com a sua “brasilidade”. Até a mais importante entre elas, a identidade étnica polonesa, tão visível na sua criação artística, nos laços emocionais com a comunidade polonesa, filiação religiosa consciente à Igreja Católica Romana e participação da sua ala conservadora, uso da língua, preservação de costumes, da história e memória coletiva dos poloneses, sofre influências naturais do “abrasileiramento”.

No contexto migratório, a identidade étnica original, especialmente na primeira geração, frequentemente provoca conflitos entre a lealdade familiar/étnica e a incorporação à sociedade receptora. Nas comunidades migratórias são as primeiras gerações que vivem normalmente um conflito intenso entre as culturas, constantemente (re)negociando ou defendendo o valor da sua identidade original e às vezes até opondo-se firmemente às tendências assimilatórias. O caso do Łychowski é, no entanto, diferente por várias razões: ele aproximou-se com vontade e confiança da sociedade brasileira, aceitando plenamente o seu destino como imigrante permanente, sem cogitar nem a volta para Polônia, nem a saída do Brasil. Na sua autobiografia, ele menciona muitos dos “meios de sedução” e “feitiços” que o Brasil aplicou ao seu caso, explicando que o Brasil o recebeu de braços abertos, demonstrando: beleza da paisagem, beleza física e das pessoas. Sobre estas, Łychowski afirma que são boas, cordiais e generosas, com riqueza na expressão de sentimentos e emoções, laços familiares e sociais, usam a língua melódica, e vivem no meio ambiente cheio de cores (Łychowski, 2022^a). Ele soube também aproveitar a ajuda oferecida por seus compatriotas poloneses estabelecidos no Brasil, mais afluentes e influentes do que a sua família, demonstrando sempre um sincero interesse pela comunidade polonesa e pela herança cultural e identitária polonesa. As amizades e os contatos no “círculo polonês” do Rio de Janeiro facilitaram a preparação (profissional e mental) para a plena integração de Tomasz Łychowski na sociedade brasileira, fazendo, no seu caso, da identidade polonesa no Brasil uma identidade “vantajosa” (Barth, 1976). Isso tudo fez com que ele mantivesse e conservasse esta identidade, tirando satisfação dos valores que lhe são atribuídos e do capital social que ela providenciava. No entanto, ao mesmo tempo, Tomasz Łychowski nunca renunciou as suas outras identidades, mesmo que algumas tivessem se tornado estrategicamente inconvenientes (a identidade alemã no círculo polonês), mantendo-as todas apesar de não resultarem delas no Brasil nenhum benefício.

ELEMENTOS BIOGRÁFICOS NA CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA

Tomasz Łychowski, poeta e pintor carioca, é um brasileiro-polonês-alemão-angolano, cuja descendência e identidade polonesa influenciou em maior grau a sua biografia. Para demonstrar isso, utilizaremos o livro autobiográfico dele, acrescentando no início as informações básicas sobre a história da Polônia no século XX, inseparavelmente ligada à sua infância, à figura do seu pai, assim como às primeiras relações sociais estabelecidas por Łychowski já no Brasil por meio da comunidade polonesa - outros refugiados do nazismo e do comunismo.

A construção da identidade polonesa do pai do Łychowski e dele mesmo está apoiada na história turbulenta da Polônia, destacando-se nela a Segunda Guerra Mundial (1939-1945) e a época comunista (1945-1989), quando a população polonesa (especialmente as camadas de liderança da nação, os representantes da elite intelectual, política e militar) sofria exterminação por parte dos nazistas alemães e dos comunistas soviéticos. Para se defenderem, os poloneses criaram as maiores estruturas clandestinas de conspiração no mundo, que contavam com o seu próprio Exército Nacional Clandestino (AK – Armia Krajowa), do qual participaram o pai do Tomasz (como militar) e a mãe – como colaboradora secreta, sofrendo todas as consequências das suas escolhas assim durante, como após a Guerra, quando começou a liquidação sangrenta da resistência polonesa contra o comunismo e os participantes do Estado Clandestino tornaram-se as vítimas prediletas da limpeza política. A maioria foi bestialmente torturada e assassinada; alguns continuaram resistência armada contra o governo comunista como partisanos até os inícios dos anos 60; outros, como os Łychowski, conseguiram fugir do país e permanecer no seu exílio pós-guerra, optando pelo Brasil, para onde foram como DPs (Displaced Persons), participando da última leva da imigração polonesa em massa para este país. Foi uma onda migratória predominantemente urbana, menos numerosa do que as anteriores (por exemplo da “febre brasileira” dos anos 80 e 90 do século XIX), que consistiam na sua maioria, em famílias de agricultores pobres e analfabetos (Wachowicz, 1981; Siuda-Ambroziak, 2017: 11-38; Malinowski, Siuda-Ambroziak, 2000: 47-64), constituída, antes de tudo, dos representantes das classes mais altas da sociedade polonesa, bem educadas, exiladas por razões (geo)políticas, com altas aspirações na vida e boa preparação profissional. Estes refugiados orientavam-se rumo à plena integração na sociedade brasileira e à ascensão social no Brasil ou, frente às dificuldades encontradas, à saída para outros países, na maioria dos casos os Estados Unidos ou Canadá.

Tomasz Łychowski participou como criança dessa última leva migratória. Nasceu em Angola, em 1934, como filho de um militar polonês e de uma alemã, tornando-se, pela lei, polonês, alemão e angolano ao mesmo tempo. Ele passou os primeiros anos da sua vida em Angola e lembra deste país com gratidão, saudades da infância e um sentimento de pertencimento àquela terra:

Angola Sim, recordo com carinho os meus amigos de Angola. Quando ultrapassei os sessenta anos, Angola tornou-se cada vez mais presente em minha memória. Prova disso são as reminiscências presentes em alguns dos meus livros de versos. (...)

A história do mundo fechou definitivamente o capítulo angolano da minha vida. Mas, até que ponto, o definitivo é, de fato, definitivo? Em nossos sonhos, acalentamos sempre a perspectiva de uma volta a Angola. Isso tanto antes como depois da guerra. Das anotações de meu pai, concluí que ele pretendia estabelecer um vínculo comercial com Angola. (...) Angola sempre foi na família Łychowski a terra dos sonhos. O Cabo da Boa Esperança (Łychowski, 2022: 16-18).

Tadeusz Łychowski salvou em Angola a vida do filho doente, doando seu sangue para transfusão direta, realizada nas condições precárias, mas com o resultado positivo. Tadeusz era capitão de artilharia do exército polonês, em Angola tentando, em vão, estabelecer uma plantação de café próspera. O Tomasz apresenta o seu pai assim:

A plantação de café do meu pai não ia muito bem. O café, dizem, era muito bom – Moca uma variedade nobre de café da espécie *Coffea arabica* – por isso, provavelmente, o aroma do café até hoje me seduz e no Brasil, agora, bom café não nos falta. Consumimos cafezinhos em grande quantidade. Parece-me que meu pai não tinha jeito para negócios. Nasceu para ser soldado. Desde a adolescência engajou-se na resistência contra os invasores. Ainda adolescente, teve treinamento militar clandestino e, em seguida, fez parte das Legiões do Marechal Piłsudski. Lutou na guerra contra os bolcheviques em 1920 (famosa pela Batalha do Vístula) e, em 1939, como oficial de artilharia, atuou na defesa de Varsóvia. Logo após a rendição, criou um núcleo de resistência que, posteriormente, foi incorporado à AK (*Armia Krajowa*). A AK chegou a mobilizar 300 mil combatentes em toda a Polônia e era considerada a maior força de oposição aos nazistas durante a II Guerra Mundial. Meu pai dedicou à pátria os momentos mais decisivos de sua vida (Łychowski, 2022: 9).

Desde o início se percebe o destaque da figura do pai polonês nas memórias do Tomasz. Para ele o pai era um herói: sábio, resistente, forte, corajoso, carismático. Como diz o Tomasz no seu livro: “Aquele homem continuava sendo uma presença poderosa em minha vida. Somente depois da sua morte no Brasil, o meu mundo desabou” (Łychowski, 2022: 53). Quando Tadeusz Łychowski morreu no Brasil, em 1950, ele “nunca deixou de estar presente” na vida do Tomasz, que preservou todas as instruções para a vida que dele tinha recebido: a retidão de caráter, agir determinado, pensar alado, mirar-se nos melhores exemplos da Polônia (Łychowski, 2022: 161).

A vida de Tadeusz Łychowski, oficial do exército polonês, foi inseparavelmente ligada com a história conturbada da Polônia: ele lutou pela independência da Polônia na I Guerra Mundial como legionário, participou ativamente como militar na Segunda Guerra e acabou sendo prisioneiro de Pawiak, depois transferido para Auschwitz e finalmente para Buchwald (Jamrozek-Sowa, 2021: 341-350). Segundo às memórias de Tomasz, o seu pai nunca se queixou de nada que lhe tinha acontecido para não sobrecarregar os seus familiares: “Meu pai jamais mencionou com uma palavra sequer o que ele passou nos campos de concentração” (Łychowski, 2022: 13).

O fato do pai do Tomasz ter sido envolvido toda sua vida na luta pela pátria, e da mãe dele, alemã, ter se posicionado durante a guerra contra o Hitler e a Alemanha nazista e ter participado no estado clandestino polonês, ajudou Tomasz na sobreposição natural, quase automática, da sua identidade polonesa à alemã. A sua mãe alemã lutou com os poloneses contra os nazistas, representantes do seu próprio povo, e sofreu, por causa da sua escolha, consequências graves, aprisionada junto com o filho pequeno. Ela poderia ter aproveitado da sua nacionalidade e cidadania alemã e se salvar, o que decidiu não fazer.

O Tomasz escreve assim sobre o comportamento da sua mãe:

Não poucas vezes, durante o cerco de Varsóvia, as pessoas tinham uma atitude de desconfiança com relação à minha mãe. Isso porque, apesar de ela falar bem polonês, o seu sotaque alemão a denunciava. Somente quando meu pai, num dia de folga, apareceu em seu uniforme de oficial polonês, os nossos companheiros de infortúnio respiraram aliviados. A minha mãe foi maltratada na Aleja Szucha (o quartel general da Gestapo) porque era mulher de polonês, mas também acontecia os poloneses olharem torto para ela porque ela era alemã. Na Alemanha, então, enviar cartas e pacotes com mantimentos para Auschwitz, de uma pequena aldeia, onde todos se conheciam, era, no contexto daquela época, muito mal visto. Um ato de lealdade e de coragem de quem o ousasse. Depois da guerra, por sua luta contra os invasores nazistas, a minha mãe recebeu, como soldado de ligação da AK, uma comenda do Governo polonês no exílio (Łychowski, 2022: 36).

E, provavelmente, também não era mera coincidência que a minha mãe, luterana de nascença, que me criou para ser um patriota polonês, tivesse em seu quarto uma imagem da Virgem de Częstochowa... (Łychowski, 2022: 61).

O processo de fortalecimento da polonidade do Tomasz ao custo da sua germanidade aconteceu, portanto, naturalmente, sendo ele testemunha ocular não somente do comportamento do pai e das decisões tomadas pela mãe, mas também das atrocidades cometidas pelos alemães nazistas e do acolhimento oferecido para ele pelos poloneses nas situações difíceis da sua vida:

Acalento a lembrança, muito feliz, do Natal de 1942 na prisão de Pawiak. As minhas colegas de infortúnio me cercaram de tantos agrados que até hoje me lembro desse dia com gratidão. Entre outros, o gesto inesquecível de Wanda Samardak, que conseguiu para mim um par de sapatos. Quando nos aprisionaram era final de verão e eu vestia apenas

um short e sandálias. Isso não dava mesmo para enfrentar o rigoroso inverno polonês. Fazia muito frio e não havia aquecimento na cela. Das outras presas recebi um coelhinho de pano, feito de uma gravata velha e um cartão de Natal improvisado, no qual escreveram um verso sobre o menino Tomek da cela 25. O coelhinho sobreviveu a todos esses anos e o cartão eu doeje ao Museu da prisão Pawiak em Varsóvia. Isso me faz lembrar outro gesto solidário. Um dia, estava eu brincando no pátio do prédio da rua Bednarska quando avistei paradas no portão duas mulheres. Acenaram para mim e, quando me aproximei, me deram uma fatia de pão com manteiga. Antes e depois, até o fim da guerra, não provei mais desse gosto. Naqueles tempos, a manteiga era uma raridade. Nunca mais as vi, não sei quem eram, mas, até hoje, vejo aquelas duas mulheres paradas no portão. (...)

Vi dois jovens levantando um saco de cereais e jogando-o por cima do muro. Lá, do outro lado, como sabemos, os judeus estavam morrendo de fome. Se algum nazista tivesse visto isso, teriam sido fuzilados na hora, pois qualquer ajuda aos judeus na Polônia (mas não em outros países ocupados) era punida com uma imediata sentença de morte. Não sei como os jovens se chamavam, não me lembro mais de seus rostos, mas o seu gesto ficou para sempre na minha memória. (...)

Antes que fôssemos transferidos para a “cela das faxineiras”, onde as condições eram um tanto melhores, minha mãe e eu tivemos que dormir no chão, encostados numa cadeira. Isso porque naquela cela com vinte e cinco mulheres e uma criança, apenas algumas tinham onde se deitar. Porém, pior do que isso, eram os bombardeios. Os nossos guardas se escondiam em algum abrigo antiaéreo, mas deixavam a gente trancados na cela. Toda vez que se ouvia o sinistro uivo de uma bomba caindo, nós nos encolhíamos e tremíamos de medo. E as bombas costumavam cair bem perto. É verdade que antes, e também depois, passamos por isso, mas esse saber de que não tínhamos como e para onde fugir “caso fosse preciso”, nos deixava apavorados. (...)

(...) davam-nos o “café da manhã”, que consistia de um líquido não identificado e de um minúsculo pedaço de pão. No “almoço”, um pouco de uma sopa aguada de nabo. Às vezes, eu chorava de fome e minha mãe me dava a sua porção de comida. (...) A essa sopa, os nazistas acrescentavam algum tipo de produto químico que provocava distúrbios hormonais nas mulheres. Certamente, tratava-se de algum experimento médico e as mulheres lhes serviam de cobaia.

(...) E como era a nossa ida para o banheiro? Como não podíamos ir para fora, no canto da cela colocavam um balde e, durante a noite, vinha de lá um fedor penetrante, que enchia as narinas. Aliás, a cela não era tão grande assim. É impressionante que nessas condições houvesse momentos de descontração. Às vezes, o ambiente até que era bem alegre. Durante o Levante do Gueto, víamos, através das grades, o clarão rubro dos incêndios e dia e noite ouviam-se tiros de metralhadoras e explosão de balas de canhão. Ao sair pelo portão de Pawiak, quando finalmente fomos libertados, víamos, em volta somente ruínas e destroços (Łychowski, 2022: 18-26).

As situações dos tempos da guerra descritas por Tomasz no seu livro autobiográfico acharam também o seu reflexo na poesia dele, por exemplo no seguinte poema do volume sob o mesmo título:

O PORTÃO
 Foi há muito tempo...
 Na cela trancada,
 26 pessoas 25 mulheres e uma criança
 Há muito tempo...
 O banho de sol, como um Van Gogh
 Entre os adultos, um menino
 Fome e incerteza do amanhã

As bombas explodindo
E o pavor
Enorme, paralisante, onipresente
Até que um dia, abriu-se o portão
Para além do portão, não tudo, mas quase tudo
Agora, também será assim
Abrir-se-á o portão
Alcançaremos a liberdade
Foi assim
Assim será (Łychowski, 2020: 23).

A visão do Łychowski sobre o que aconteceu durante a Segunda Guerra Mundial faz inseparavelmente parte do ponto de vista polonês, demonstrando claramente o lado com o qual se identificou no conflito e a dor da Polônia por ter sido atingida e agredida ao mesmo tempo por dois totalitarismos:

Ilações perigosas são aquelas que, a partir de um fato, mudam o nosso modo de pensar e de agir... para o pior. Durante a guerra era pensamento comum – e, aliás, então compreensível – achar que todo alemão fosse nazista e que todo russo fosse um *homo sovieticus*. E, até hoje, o polonês é, amiúde, tachado de ser potencialmente antissemita. Por mais que se conheçam exemplos como o da polonesa Irena Sendler, que, sozinha, salvou 2.500 crianças do gueto, a tendência é de antepor e de sobrepor a isso uma experiência pessoal dolorosa. Infelizmente, esses malentendidos dolorosos persistem. (...) Aliás, é bom lembrar que a enfermeira heroica Irena Sendler (candidata ao Nobel da Paz em 2008) não agiu sozinha. Ao retirar essas 2.500 crianças do gueto, uma a uma, ela tinha que contar com, pelo menos, outras tantas famílias não judias que as acolheram com risco de vida. Irena fazia parte da organização Żegota, que tinha por objetivo salvar judeus e sabemos agora que muitos poloneses foram mortos durante as tentativas de resgate. Da Żegota, que foi a única organização dessa natureza nos países ocupados pelos nazistas, participou também a conhecida escritora Zofia Kossak (Łychowski, 2022: 12-113). Se em países geograficamente mais próximos da Polônia surgem movimentos revisionistas que negam os crimes de Katyn e de Auschwitz, então não é de espantar que nos antípodas custem a cessar os sonhos e os projetos de uma revolução totalitária de vários matizes (Łychowski, 2022: 148).

Tomasz Łychowski não nega, no entanto, as suas raízes alemãs. Mostra, nas suas lembranças, que na Alemanha foi bem recebido. Mas confirma sozinho que se sente muito mais polonês do que alemão.

Às vezes, fico pensando até que ponto posso afirmar que também sou alemão? Meio alemão? A Polônia evoca a visão quase mística de vastas planícies e de campos de trigo dourado, já a Alemanha encanta com os seus bosques cheios de vida e com os prados nos quais, me parecia, ressoavam os acordes da Pastoral de Beethoven. Ambas têm um lugar no meu coração. A magia da natureza é o que me seduz. A terra e o que ela respira. E a forte saudade que a sua ausência produz. A música também me faz sentir-me polonês, brasileiro, alemão. E a amizade. Na Alemanha tive amigos de minha idade. Lembro deles com certa nostalgia. Sobretudo, de Kali (Karl Lauterbach). Recebi do Kali uma carta na Fazenda Secretário. O que terá sido feito dele? Na volta da Polônia ao Brasil, me hospedei em Berlim na casa de Heide e Peter Vogel, amigos muito queridos da Gerda. Senti-me em casa. Então, será que aquela gota de sangue alemão também faz algum sentido? Uma vez, numa reunião social no Rio, conversando com um dos convidados, o meu interlocutor, que

era psicólogo, esclareceu definitivamente as minhas dúvidas: você é muito mais polonês do que alemão. Concordo com ele (Łychowski, 2022: 55).

Quando o Tomasz fala sobre a necessidade de renunciar outras nacionalidades para a obtenção da cidadania brasileira, ele mostra o seu desentendimento e decepção com esta situação:

A data do meu batismo foi muito importante em minha vida: 23 de outubro de 1960. Tinha eu então 26 anos de idade. No mesmo ano, recebi a cidadania brasileira e, ao fazer o meu juramento, tive que renunciar, para todos os efeitos, à nacionalidade anterior. Para todos os efeitos! Um sentimento estranho. Agora já é permitido ter mais de uma nacionalidade, sem renunciar à anterior. Inicialmente, os meus escrúpulos eslavos me incomodavam, mas, aos poucos consegui atravessar certos limiares, certas fronteiras. Afinal, é possível amar não apenas um país. Podemos amar mais de um, e outros também (Łychowski, 2022: 64-65).

Tomasz Łychowski casa também com uma das jovens polonesas do seu círculo mais próximo: Krystyna Schulz, cujas veias contêm também, surpreendentemente, o sangue polonês e o alemão. Łychowski assim escreve sobre a família da sua mulher, com a mesma história da luta patriótica que da sua própria:

Antes da guerra, a minha sogra, Anna Schulz, foi uma das grandes promessas do balé moderno na Polônia, com prêmios obtidos no exterior. O meu sogro, Jan Schulz, um destacado jurista, trabalhava como Conselheiro no Ministério do Interior. O sobrenome do pai dele - Schulz - é de origem alemã, mas a sua mãe também tinha um nome alemão de solteira: von Sendbusch. Assim, não poucas gotas de sangue alemão correm na nossa família. Em 1939, Jan Schulz participou da organização da retirada do governo polonês para a Romênia. A ideia era não cair nas mãos dos nazistas e de poder mobilizar no exílio todo um exército para combater ao lado dos Aliados. Isso, aliás, acabou acontecendo. Esse início de guerra tão conturbado separou o jovem casal que depois, milagrosamente, se reencontrou numa pequena localidade francesa Saint-Jean de Lus, no dia de São João, ou seja, no dia do onomástico de Jan... A história deles poderia servir como roteiro para mais um filme sobre aqueles tempos (Łychowski, 2022: 82).

Os quatro filhos do Tomasz Łychowski são brasileiros, mas se interessam pela Polônia. Rodrigo Łychowski atua na Sociedade Beneficente Polônia, da qual Tomasz já era no passado duas vezes presidente. Outros filhos também apoiam o pai em todas as iniciativas relacionadas à sua herança étnica polonesa e à sua criação artística. O filho Rafael foi aquele que impulsionou o pai para escrever o livro de memórias.

Da minha filha Isabella, herdei o talento para escrever, sendo que ela escreve muito melhor do que eu. Ela me ajudou nas traduções dos meus livros de poemas e de outros textos e cuida da minha imagem midiática. Graças a ela, minha homenagem aos meus pais na TV Brasil é agora vista em todos os continentes. Ela a colocou no YouTube como presente de Natal. Também me deu várias dicas sobre o conteúdo destas memórias. Recentemente, descobriu mais um talento, o da fotografia artística. Rodrigo herdou de mim o idealismo romântico. É, ao mesmo tempo, um patriota brasileiro e polonês. É fã de Andrzej Wajda, de Joseph Conrad, de Zygmunt Bauman, de Leszek Kolakowski e de outros expoentes das culturas polonesa e brasileira (Łychowski, 2022: 89).

Quando pela primeira vez Tomasz Łychowski viaja à Polônia, ele repara, comovido: “Sim, uma viagem à Polônia significa muito mais do que vencer distâncias radicais e profundos oceanos. Significa, sobretudo, esse encontro com o espírito descarnado, eterno, imutável da terra” (Łychowski, 2022: 153). E repara que, além do Rio de Janeiro no Brasil, é precisamente a capital da Polônia, que ele acha a “sua cidade”: “Varsóvia é a minha cidade na Polônia. Literalmente renascida das cinzas, reconstruída tijolo a tijolo, mas sobre a qual paira o espírito imutável de sempre” (Łychowski, 2022: 156).

ŁYCHOWSKI POETA

Em 1953, Tomasz Łychowski iniciou intensa atividade no recém-criado Círculo de Jovens Poloneses “Świetliki” (Vagalumes), fundado na Polônia Sociedade Beneficente do Rio de Janeiro graças ao envolvimento de uma das mulheres importantes da comunidade polonesa da Segunda Guerra Mundial refugiada no Rio de Janeiro. A fundadora, Krystyna Hauke-Nowak, era uma figura fascinante e colorida:

Conheci a dona Cristina Hauke-Nowak em 1952, logo após a minha vinda do interior para o Rio. Naquela época, eu tinha dezessete anos. (...) O seu polonês era, de fato, rico e muito bonito. Rica era também a sua imaginação e, amiúde, distante da “realidade”. A sua realidade continuava sendo de modo apaixonado a Polônia. A Polônia no Rio de Janeiro (Łychowski, 2016: 67).

O Círculo de Vagalumes reunia cerca de uma dezena de jovens, a maioria de famílias aristocráticas, filhos de nobreza, dos militares de alta patente e dos funcionários de alta escala do Estado polonês pre-guerra. Fugindo da guerra e logo depois escapando do comunismo instalado na Polônia, essas pessoas, muito bem educadas, que tinham ocupado no seu país de origem uma posição social elevada, não raramente vivenciaram no Rio as agruras da desclassificação social e perda de importância, por mais relativa ou subjetiva que fosse. Reunir-se em seu próprio círculo lhes dava sentido de segurança, abria a oportunidade de se ajudarem mutuamente na ascensão social, era também uma forma de defenderem sua dignidade e sentido de autoestima, assim como, não raramente, simplesmente lutarem juntos pela sobrevivência nas dificuldades da vida. Apreciaram na sua companhia também a sensualidade de uma das cidades mais bonitas do mundo, o clima, os encantos da praia e do mar e passaram por primeiras paixões adolescentes. Tomasz Łychowski relembra:

As nossas reuniões aconteciam na casa de dona Janina Czaplinska, que tinha sido uma cantora de fama internacional. Era conhecida também por seu coração generoso e não

poucos poloneses foram por ela socorridos naqueles tempos difíceis da guerra e do pós-guerra. (...) Graças aos seus esforços, os “Vagalumes”, durante muito tempo, mantiveram a sua independência e um ambiente livre das inevitáveis intrigas, presentes em tantos núcleos de imigrantes. (...) Seu tema principal era e Polônia. (...) No calor tropical do Rio, tendo, por um lado e por pano de fundo, as colinas verdes e os montes que cercam a cidade e, pelo outro, as ondas do Atlântico, fizeram renascerem na nossa memória as lembranças da Polônia e surgirem novas impressões e imagens sobre heroísmo e sobre grandeza (Łychowski, 2016: 67).

Tomasz Łychowski desde o início se sentiu atraído pelo círculo dos imigrantes poloneses. Foi muito bem aceito, como filho do militar do Exército Clandestino. Teve oportunidade de colaborar com as pessoas extraordinárias, inclusive representantes da classe aristocrática polonesa:

Maria Tarnowska, minha primeira “professora” de inglês. No livro sobre o Levante de Varsóvia tem a sua foto, quando, representando o poder civil polonês, ela se encontra com o representante do General Von dem Bach, General Rohr para negociar as condições da rendição. O autor do protocolo dessas negociações escreveu o seguinte: Nesse instante, com o protocolo já pronto, tivemos a impressão de que não são os poloneses que estão se rendendo, mas nós diante da velha Condessa. Então, eu não me dava conta do extraordinário privilégio de ter conhecido uma pessoa tão sábia e heróica e que pude visitar com tanta frequência. O fato de dona Maria gostar de mim e de querer me ajudar, representava muito nesses tempos complicados num país, que, naqueles tempos, ainda era estranho para mim. Esse carinho era feito um bálsamo para a alma e alento para o coração. Como soube depois, durante algum tempo tínhamos sido “colegas” na prisão de Pawiak. Quem poderia prever que nós nos conheceríamos no Rio de Janeiro? (...) Maria Tarnowska, como alto dirigente da Cruz Vermelha polonesa, teve contato direto com os combatentes nas barricadas e recebia em sua casa jovens que, através dos esgotos fétidos de Varsóvia, traziam notícias de outros bairros. Esteve, também, em permanente contato com o Alto Comando da AK e participou das negociações com os nazistas com o objetivo de obter permissão para que parte da população civil pudesse sair da área de combate. Maria Tarnowska teve pleno êxito nessa missão e, assim, muitas vidas foram salvas (Łychowski, 2022: 124-125).

Antigamente, eu ajudava a Princesa Jolanta Radziwill a recolher dinheiro para pagar as despesas relacionadas com casas de velhice, sepultamentos e para fazer frente a outros gastos com os poloneses pobres. (...) A Princesa amiúde pagava essas despesas do próprio bolso. Com o tempo, fizemos amizade e, apesar das diferenças de idade, tínhamos longas conversas de cunho filosófico. Durante alguns anos, participamos da Diretoria da Sociedade Polônia e a sua opinião equilibrada era sempre levada em conta (Łychowski, 2022: 130).

Ele pôde contar muitas vezes com a ajuda dos representantes mais afluente da sociedade carioca polonesa, inclusive aproveitando das bolsas de estudo que lhe proporcionaram oportunidade de entrar na faculdade depois do falecimento do pai. Ele se tornou um ativista da comunidade polonesa, profundamente envolvido na vida deste grupo social no período de pós-guerra no Rio.

A cada ímpeto libertário na Polônia, ou nos seus vizinhos (prontamente e de modo sangrento reprimido pelo regime comunista), participávamos de marchas de protesto para convencer os nossos amigos brasileiros de que o que acontece atrás da Cortina de Ferro

clama aos céus por justiça. (...) Com toda a certeza, não éramos nem neutros, nem indiferentes e tampouco passivos (Łychowski, 2022: 124).

Em 1955, Józef Czapski (personalidade destacada da diáspora polonesa, artista, escritor, publicitário e um dos criadores da famosíssima revista mensal “Kultura” publicada em polonês em Paris desde 1948, que defendia as ideias democráticas), como emissário da sua revista que ele vinha construindo com convicção e consistência, visitou a comunidade polonesa nos EUA e na América do Sul. No Rio, realizou uma exposição de pintura e palestras para a comunidade polonesa local, inclusive *Vagalumes* que procuravam contatos com compatriotas de destaque. Para Łychowski, Czapski foi um importante mentor. No entanto, o grupo de jovens poloneses associados no *Vagalume* no final dos anos 1950 começou a se espalhar pelo mundo. Alguns voltaram para a Europa, outros mudaram-se para os EUA e Canadá.

Tomasz Łychowski como poeta revelou-se ao mundo somente depois de ter conhecido Czapski, em 1956, explicando o atraso com os problemas que ele tinha para decidir sobre a língua prioritária dele, a língua poética, o seu “núcleo vital”:

Bem parece que chegou a hora de tentar explicar o porquê da poesia. Ainda jovem descobri que as palavras são poderosas, sobretudo em poesia. Nela, têm essa concentração mágica do significado. Elas me fascinavam, encantavam, pois sua combinação poética, à semelhança da música, nos eleva, nos aproxima do inefável. Mas para expressar-se em versos é mister adentrar as profundezas e pertencer ao “núcleo vital” de um idioma. (...) Eu, certamente, não pertenço a nenhum núcleo vital, nenhuma língua é a minha língua materna. Talvez por isso, demorei tanto para publicar os meus poemas (Łychowski, 2022: 144).

Seu primeiro volume de poesia, impresso em edição limitada e com di-nheiro próprio, chamava-se *O Parnaso*. Era um projeto ambicioso de um jovem de 23 anos, que lutava obstinadamente para obter uma educação superior no Brasil. Parnaso simboliza a perfeição alcançada na arte, especialmente na literatura (poesia). O volume continha poemas escritos em polonês, refletindo o estado de espírito de um jovem sensível, dilacerado por paixões próprias de sua idade. Os sentimentos captados nos poemas tinham uma expressividade romântica. Já neste volume de estreia, o tema do rico mundo da relacionalidade humana foi claramente demarcado. A relação do sujeito literário com o mundo da matéria animada e inanimada tornou-se, daqui para frente, a mensagem dominante de toda sua produção literária. Através das relações e relacionamentos, Łychowski descobre a si mesmo e aos outros, mas também constrói a sua identidade. Há necessidade de reflexão e análise, porque o mundo complexo da relacionalidade humana permite explorar o espaço de várias dependências e influências. O senso de comunidade é a essência do pensamento de Łychowski como um poeta maduro. Isso não

poderia ter acontecido se não fosse pela experiência da inclusão na cultura brasileira por meio do grupo de acolhida polonês carioca: “Ah, esses poloneses... Esses patrícios! E justamente por isso, gostaria de deixar bem claro que sou lhes muito grato!” (Łychowski, 2022: 147).

Łychowski publicou seu segundo volume de poesia somente quarenta anos após sua estreia, já depois de ter se aposentado e ter fechado o tempo agitado de estudos, envolvimento político, casamento, nascimento e cuidados de quatro filhos, trabalho profissional como acadêmico, professor de língua e literatura inglesa. Em 1996 foi publicado o seu volume bilíngue inglês-português *Glimpses/Vislumbres*. O próximo, *Voices/Vozes* (1998) também foi inglês-português. Em 2000, foi publicado um volume polonês-português, *Powiewy/Brisas*; em 2004, o trilingue (inglês-português-polonês) *Border Thresholds/Limiar de fronteira/Graniczne progi*; em 2006 – o bilíngue (polonês-português) *Spotkania/Encontros* (2006); bilíngue (polonês-português) *Skrzydła/Asas* (2008); *Reco-meço* em português (2014); bilíngue (polonês-português) *Spojrzenia/Olhares. Poemas Seleccionados* (2016); bilíngue (polonês-português) *Brama/O portão* (2020); bilíngue (polonês-português) *Arca de Noé/Arka Noego* (2022).

Łychowski escreve em três idiomas. Ele escreve o texto na língua, na qual ele nasce em seus pensamentos e nas suas emoções. A capacidade de escrever poesia é um dom para Łychowski. Para ele, a palavra tem o poder de tornar presentes os acontecimentos e lugares do passado. A palavra do poeta tem a capacidade mágica de combinar o presente e o passado em um único tudo de existência, numa ponte simbólica no tempo e no espaço.

Para Łychowski, a espiritualidade, a religiosidade muito acentuada e a filiação católica que ele assumiu conscientemente já como homem adulto é um aspecto muito importante da vida, que reflete na sua obra. Ele é uma pessoa muito envolvida na Igreja Católica, o que menciona várias vezes na sua autobiografia:

De 1976 em diante, sou membro do Opus Dei e a ele devo o esforço diário para ser um marido e um pai mais suportável, seguindo os ensinamentos de São Josemaria, procuro cumprir responsabilmente as minhas obrigações profissionais e, last but not least, a oração e a frequência aos sacramentos tornaram-se o meu pão de cada dia. O fato de eu ter sido aceito por um grupo de pessoas, que levam a sua relação com Deus tão a sério, é até hoje para mim um mistério e mais um milagre da graça (Łychowski, 2022: 105-106).

Grande foi a alegria na nossa família, quando o tio avô da minha sogra, Jan Balicki, foi beatificado pelo Papa João Paulo II durante a sua peregrinação à Polônia. Um santo na família? Nem todo mundo pode gabar-se disso... Mas, ao mesmo tempo, é um desafio e tanto. Agora já não tínhamos mais escolha: toda a família Łychowski tem que se esforçar para ser santa! Ora se tem! (Łychowski, 2022: 83).

A sua poesia é também um forte testemunho da afirmação da vida e da passagem natural do tempo. Apesar da história difícil, ele valoriza positivamente toda sua infância, juventude, idade adulta e os tempos de hoje, da terceira idade. Nunca sacraliza nem condena o seu passado, como fazem às vezes alguns imigrantes. O seu tempo no país de assentamento é tão importante quanto uma infância segura em Angola ou tempos da guerra vividos na Polônia ocupada, de onde também, surpreendentemente para o leitor, consegue tirar boas lembranças:

Era o ano de 1942 e eu tinha apenas 7 anos. Estávamos sentados à mesa, jantando: meu pai, minha mãe e eu. A conversa dos meus pais se estendeu noite a dentro. Eu, feliz, ouvia o que eles diziam, sem, é claro, entender nada. Ao redor rugia a guerra. De noite os bombardeios soviéticos, durante o dia a ameaça de ser preso na rua e, em seguida, fuzilado. Naquele contexto de ódio, esse estar tão próximo de pessoas que se amavam (ela alemã, ele polonês!) resultou em algo inesquecível e extraordinário. Eu me sentia “geborgen”, no sentido mais pleno dessa palavra. Muito, muito feliz. E, nesse estado de espírito, adormeci sentado, bem pertinho dos meus pais (Łychowski, 2022: 106).

Os lugares distinguidos na poesia e no livro de memórias são os equivalentes - em termos de significado e simbolismo - de lugares geográficos autênticos e das imagens culturais a eles associadas. Para destacar suas funções no texto, aplicamos o termo “lugares autobiográficos”, ou seja, lugares carregados de sentido em relação à biografia do autor (Czermińska, 2011: 190). Łychowski, tanto em documentos pessoais quanto em textos poéticos, sempre leva em consideração a localização espacial dos eventos biográficos: “uma viagem no espaço torna-se para o poeta - da perspectiva de uma longa vida - uma redescoberta das peculiaridades da sua própria genealogia e das estranhas reviravoltas do destino que aconteceram a ele, e que ele aceita com incrível compreensão e humildade” (Fiut, 2008: 9). Esta viagem é essencialmente uma questão sobre a própria identidade e a força do destino ou da Providência. Embora ele eleja elementos do espaço, sempre os abraça com o olhar e os interpreta como alguém que reconhece esse espaço com muita ternura: “poemas que mostram a especificidade do Brasil são neste poeta um registro da forma de vivenciar o espaço extraordinário e suas condições naturais” (Bąk, 2020: 180).

Para Łychowski de hoje, o lugar mais importante é o Rio de Janeiro. No entanto, Varsóvia também pesa muito na sua vida e obra, garantindo a continuidade da memória e, conseqüentemente, da existência. Um lugar é para Łychowski um ponto de contato consigo mesmo do passado, ou seja, o destino da viagem no tempo, da repetição da sua própria história. Graças ao lugar, o sujeito lírico extrai da sua memória os acontecimentos, pessoas, contextos a ele relacionados. Ele faz uma viagem imaginária seguindo os passos de lugares autênticos localizados

principalmente no Brasil e na Polônia, mas também na Alemanha e em Angola. Essas viagens fictícias refletem sempre rotas reais percorridas no passado e no presente. Seguindo a trilha dos lugares autobiográficos, o poeta descobre a singularidade e a riqueza de sua própria biografia, genealogia e do seu próprio destino. As paisagens de três continentes, os lugares, as pessoas ali encontradas constroem todos simultaneamente a identidade do poeta.

Críticos e pesquisadores unanimemente notam o grau da complexidade das experiências de vida do poeta, bem como sua surpreendente serenidade e recusa em sucumbir à melancolia da emigração:

O destino de Tomasz Łychowski é difícil, belo e doloroso – é dele mesmo. O autor, porém, não faz dele um estandarte, não o ostenta (...) nada perdeu da sensibilidade de quase um menino a quem aconteceram coisas estranhas, mas também em adulto, ainda acontecem. Captura sua abertura para os outros, cordialidade, sensibilidade. A sabedoria resultou do percurso da vida, das experiências da história, por terras de Angola, Polônia e Brasil. E que não se transformou em dor. (Ziółkowska-Boehm, 2016: 9-10).

Ele prefere lembrar do que lhe ajudou a viver e sobreviver, não do que lhe doeu ou fez falta. Por isso, ele escreve das coisas pequenas, no entanto importantes, como, por exemplo, a comemoração do seu aniversário de cinco anos em Varsóvia submersa na guerra com o almoço especial de carne de ... cavalo, que tinha pisado numa mina e explodiu. Uma das grandes diferenças entre o já “abrasileirado” Łychowski e o traço marcante da cultura polonesa é que “Nada é mais estranho para ele do que o sofrimento polonês e o rancor diante do mundo inteiro. Contra todas as probabilidades, ele encontra um significado profundo, embora oculto, na sua vida.” (Fiut, 2020: 17).

Ao definir a arte poética de Tomasz Łychowski, deve-se atentar para a atitude da ternura para com o mundo, no qual as pessoas, plantas, animais, objetos estão imersos em um espaço de um universo comum e onde cada ser humano está organicamente conectado com todos os seres que habitam a Terra. A empatia deveria permitir que cada homem sobreviva e viva em harmonia com o mundo e sinta a dor dos outros:

Alguém poderá alegar que eu, livre e protegido, no Rio de Janeiro e distante da Ucrânia, não posso estar vivenciando tudo isso novamente. Se fosse apenas uma questão de lembrar o passado, talvez. Mas não se trata de memória. Há algo mais forte que lembrança. Há a presença poderosa do meu semelhante com o qual me identifico. Eu, polonês, brasileiro, sou, também, ucraniano. Estou lá e vivencio com ele a tragédia que se repete. Que me atinge, que atinge todo ser humano. Que me faz, de verdade, irmão do meu irmão (Łychowski, 2022: 174).

O sujeito lírico se esforça constantemente nos poemas do Tomasz para encontrar semelhanças e pontos comuns com os seres observados. Łychowski

quer ver o mundo em diálogo, em revisão mútua, cognição, espanto positivo e aceitação. Ao mesmo tempo, não quer ficar “indefinido”, define-se constantemente a si mesmo e aos outros, sujeita-se à observação e à autoavaliação e auto-observação. Sempre valorizando o concreto que torna real cada existência.

ŁYCHOWSKI PINTOR

O estilo da poesia do Tomasz (disciplina de palavras, abreviação mental, metáforas concisas, sagacidade, inclinação para a pontuação, paradoxo) corresponde ao estilo da sua pintura. Tanto no caso da poesia quanto na pintura, o mundo é sentido pelo artista e apresentado de forma muito dinâmica.

Tomasz Łychowski não recebeu educação artística formal. A pintura é um dos meios de expressão artística dele. Curiosamente, ele cria suas pinturas e seus poemas em fases diferentes da sua vida: o estado da paz e segurança é propício à pintura, enquanto os poemas são geralmente criados durante períodos de intensa atividade, ou em momentos de inquietude ou até perigo. Por isso, Tomasz Łychowski tem escrito muito nos últimos anos (pandemia, bloqueio, mudança climática, retirada das tropas americanas do Afeganistão, guerra na Ucrânia).

Aqui talvez caiba uma informação para o meu leitor, psicólogo de profissão. Consigo escrever poemas em vários estados de alma, nos serenos e também naqueles quando me encontro no fundo de um vulcão, mas para pintar tenho que estar com a mente em equilíbrio e em paz (Łychowski, 2022: 145-146).

Isso confirma que ambas as formas de expressão envolvem uma esfera diferente da sua personalidade criativa. O fato de reproduções de pinturas terem sido colocadas em vários volumes de poesia publicados como encartes, de constituírem um todo fechado, faz com que não sejam percebidas como ilustrações de poemas, mas como uma mensagem coerente que expressa o que não pode ser expresso em palavras. É a decisão certa, apesar de, ao que parece, feita intuitivamente.

Na pintura de Łychowski, percebe-se uma afinidade estética com o fauvismo, tendência que se desenvolveu na França e se tornou o primeiro novo estilo artístico do século XX. Os fauvistas usavam cores brilhantes, vivas e alegres e pinceladas características. Sua pintura foi caracterizada pela franqueza de formas e intensidade de cores, “ousadia” no seu uso.

Łychowski se interessou pela arte da pintura ainda na sua juventude. Ele ia a exposições, comprava álbuns. Admirava as obras de Botticelli, Van Gogh, Matisse. No Rio de Janeiro conheceu a família de Bruno Lechowski (1887-1941), pintor nascido na Polônia, que se estabeleceu no Brasil em 1926. As imagens dos

períodos “polonês” e “brasileiro” de Bruno Lechowski são diferentes. O contato com os trópicos acrescentou intensidade de emoção e cor às suas obras. As cores fortes e tropicais das pinturas do mestre fascinaram Łychowski, naquele tempo um jovem de 20 anos. A primeira pintura apresentada publicamente por Tomasz Łychowski foi criada em 1961. Era uma cadeira inspirada na obra de Vincent Van Gogh.

As pinturas de Łychowski são de tamanho A3 ou A4. Até agora, 50 trabalhos originais foram criados. Łychowski utiliza sempre a técnica do guache, conhecida desde a Idade Média, especialmente popular nos séculos XVII e XVIII. Pode-se dizer que o estilo de pintura de Łychowski é sensualidade dinâmica disciplinada pela síntese. Cada elemento da imagem é visível e cumpre seu papel atribuído. Seu estilo expressivo de pintura torna razoável simplificar o desenho. O temperamento reflete o estado de liberdade e um senso de participação no mundo da beleza sensual. Łychowski tem talento para simplificações decorativas. Ele está interessado em composições de cores. Nas obras chama atenção a homogeneidade, a consistência da cor e a composição (listras de cor). As cores são dominadas por gestos arrebatadores e pinceladas decisivas.

Cores vibrantes, às vezes formas semicirculares, são muito marcantes; arranjo rítmico do plano com faixas dominadas por verdes, vermelhos, amarelos e tons de azul. Sente-se nestas pinturas o sopro dos trópicos, a alegria brasileira de viver, aceitação do mundo que rodeia o artista, do mundo do qual ele faz parte. A paleta de cores rica e alegre harmoniza, ao mesmo tempo, com a forma como os habitantes da Polônia percebem o Brasil: um país cheio de cores e emoções. A expressão do gesto e da cor é tão dominante que a indubitável figuratividade dessas obras fica em segundo plano. Só de relance percebemos a importância dos motivos, porque não são pinturas abstratas. As pinturas são variadas e é importante como o autor reflete o caráter do lugar usando cores - as cores das obras que retratam Angola (por exemplo, *Paisagem de Angola*) são diferentes das que retratam paisagens e objetos do Brasil (por exemplo, *Cantagalo, Baía de Guanabara, Arcos da Lapa, Pão de Açúcar, Ilha de Paquetá*). As cores do céu (azul) e da terra (castanho) desempenham um papel importante nas representações de Angola. Nas obras realizadas após a visita à Polônia, contendo representações de Varsóvia, aparecem cores um pouco mais frias do que nas pinturas que retratam o Brasil, por exemplo, o rosa desfocado.

As paisagens pintadas por Łychowski retratam com mais frequência a cidade onde passou quase toda a sua vida - o Rio de Janeiro e suas imediações. O Rio, assim na poesia como na pintura, é o lugar autobiográfico mais importante do artista. No entanto, se aparecem vozes sobre a “brasilidade” da pintura de

Łychowski, é muito mais pelo tema do que pela forma como é feita, ou pelo estilo dele. O contexto, ambientado na paisagem do Rio de Janeiro, valida os julgamentos sobre o caráter “brasileiro” das imagens pintadas, mas Łychowski aproveita também outros temas, mais específicos, por exemplo, uma categoria à parte são os trabalhos ligados ao tema dos pássaros e aos voos:

E, agora, ficando velho, sonho ir para Angola, sonho ir para a Polônia e, na Polônia, tenho saudades do Brasil. Amo cada recanto deste mundo onde deixei para sempre um pedaço da minha vida. E, por isso, novamente, abro asas e alço voo para agradecer a todos por tudo de todo coração (Łychowski, 2022: 162).

Este tópico se encaixa nos interesses do poeta pela ecologia, o mundo da natureza animada e inanimada. Aos pássaros, à descrição do seu comportamento, aparência e forma como planam no céu, ele também dedica muito espaço na poesia, principalmente nos últimos anos. De grande importância é a repetida imagem poética do símbolo do Espírito Santo, aparecendo de acordo com a tradição do cristianismo, na forma de uma pomba branca. As obras de Łychowski são principalmente paisagens. Neste contexto, é significativo que a única imagem com figura humana seja a de S. Francisco (*São Francisco*, 1998). O que nos remete também à importância da crença, fé, religiosidade e do catolicismo na vida e na obra do Łychowski.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Não podemos concluir nada definitivo sobre a obra artística, a biografia, ou o processo da construção da identidade do escritor, poeta e artista Tomasz Łychowski. Tomasz, apesar da idade já avançada, continua sendo uma pessoa muito criativa e muito ativa, todo tempo evoluindo. Contudo, alguns traços e especificidades da formação identitária podem ser enxergados na sua obra como pouco mutáveis, idiosincráticos, entre eles, as influências muito fortes das identidades polonesa e brasileira, percebidas nos espaços diferentes da sua atividade artística. O próprio Łychowski tem plena consciência destas duas identidades sobresalientes na sua criação: “Alguns amigos meus são da opinião de que sou um poeta polonês, mas um pintor totalmente brasileiro” (Łychowski, 2022: 147).

QUANTO MAIS
Quanto mais busco o Brasil
tanto mais descubro a Polônia
e também o contrário
Fala a terra
e o espírito que nela habita
Cerejas e manga
a bétula e o guatambu

a criança louca e o meu
curumim
Sinto-me polonês
de verdade
um brasileiro
Quando o ser humano
mostra o seu rosto
quando cruza
o limiar de si mesmo
quando me estende sua mão
(Łychowski, 2004: 82)

Quando ele mesmo se pergunta quem se sente mais: um polonês ou um brasileiro, logo aparece também Alemanha e Angola, porque

pedaços do meu coração ficaram onde vivi fragmentos da minha vida. (...). Pessoas, paisagens, música, arte, tradições – esse contexto composto de luzes caleidoscópicas, de impressões, experiências – tudo isso adentra a nossa consciência e lá lança âncora. Em termos de nacionalidade, sou um mestiço. Nas minhas veias corre o sangue que é fiel a todos esses recantos da terra. Mas, sem essas bifurcações existenciais, acredito que, autêntico mesmo, sou somente polonês (Łychowski, 2022: 147).

O processo da integração social de Tomasz Łychowski no Brasil responde perfeitamente à relação dialética positiva entre o imigrante e a sociedade acolhedora, com as atitudes e valores de ambos os lados gradativamente enfraquecendo as fronteiras e diferenças étnicas e culturais até liquidá-las completamente. No caso do Łychowski, houve, com certeza, alguns fatores que podem ser percebidos como vantajosos no processo adaptativo dele às novas circunstâncias da vida no Brasil, por exemplo: o fato de gostar do Brasil e se sentir atraído e fascinado pelo país acolhedor; o fato de ser uma pessoa tolerante, aberta para as mudanças, positiva; o fato de ter tido já outras, boas experiências, com outras sociedades e culturas, como a africana, que constitui uma raiz forte da cultura brasileira; o fato de ser branco numa sociedade onde a cor da pele tinha seu forte significado social inclusivo ou exclusivo pela história da escravidão africana; o fato de possuir, apesar da falta de recursos financeiros, um *background* familiar, que facilitava contatos com a diáspora polonesa pós-guerra no Rio – o ambiente sociocultural propício à formação do seu capital social no país acolhedor.

Resumindo, podemos dizer que o caso do Tomasz Łychowski é um caso de um processo migratório e identitário bem sucedido, de uma integração positiva de um refugiado do nazismo e comunismo no Brasil. Esta conclusão reflete muito bem na criação artística e literária do Łychowski: um homem feliz com o que a vida lhe proporcionou, satisfeito com as suas escolhas, o homem que sabe aproveitar o que tem sem esperar pelo “impossível”; enfim, o homem, que vive ao máximo a sua vida, grato por ter oportunidade de tê-la assim como ela é.

A nossa identidade é o que nós pensamos de nós mesmos, como nós sentimos quem somos. Por isso, para terminar, de novo passamos a palavra ao próprio artista:

SOU FILHO
 Do planalto angolano
 do torrão africano, do seu afeto
 da Mãe Quinhas
 portuguesa, madrinha
 Da Varsóvia em chamas
 das companheiras de cela
 da Wanda, uma santa
 Do desterro, do exílio
 caminhante mundo afora
 Das ruínas de Berlim
 dos bosques, córregos e prados
 do sangue alemão
 este também corre nas minhas veias
 Da Antuérpia
 intocada pela guerra, bela
 dos navios que partem
 que chegam
 que acendem saudades
 Da Baía da Guanabara
 Porto Seguro
 seu encanto, sua beleza
 do destino
 fim de travessia
 Da amizade
 da lavadeira Dejanira
 da freira, Ir. Paulina
 de tantos outros
 Sou filho da Polônia
 da Mãe Terra
 dos quadrantes
 do aqui, do agora
 (Łychowski, 2020: 38).

BIBLIOGRAFIA:

- Barth, F. (1976). Introducción. In F. Barth (Eds.), *Los grupos étnicos y sus fronteras* (pp. 9-49). Fondo de Cultura Económica.
- Bąk, M. (2020). Brazylia Tomasza Łychowskiego. *Revista História: Debates e Tendências*, 20(3), 175-190.
- Czerwińska, M. (2011). Miejsca autobiograficzne. Propozycja w ramach geopoetyki. *Teksty Dru-gie*, (5), 183-199.
- Fiut, A. (2008). Przedmowa/Prefácio. In T. Łychowski, Skrzydła/Asas (pp. 7-14). Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego, Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich UW.
- Fiut, A. (2020). Wtajemniczenia w Rio. *Fraza*, (107-108), 13-16.

- Hall, S. (1990). Cultural identity and Diaspora. In J. Rutherford (Eds.), *Identity* (pp. 222-237). Lawrence & Wishart.
- Hall, S. (2006). *A identidade Cultural na Pós-modernidade*. DPeA Editora.
- Hall, S. (2005). *A identidade cultural na Pós-modernidade*. Edipucrs.
- Jamrozek-Sowa, A. (2021). Earliest memories of Brazil. Places related to adolescence in the autobiographical texts of Tomasz Łychowski. *Studia Filologiczne Uniwersytetu Jana Kochanowskiego*, (34), 341-350.
- Łychowski, T. (2022a). *Autobiografia. Meu Caminho Para A Lua*. 3ª Edição, revista e ampliada. Letra Capital Editora.
- Łychowski, T., Tomasz, Kepinski, A. (Eds.). (2021). *POLONIA Sociedade Beneficente do Rio de Janeiro 130 Anos. Atividades beneficentes, culturais e sociais. Relatos familiares da comunidade*, Rio de Janeiro. Letra Capital.
- Łychowski, T. (2016). *Meu caminho para lua. Como sobrevivi à II Guerra Mundial*. Letra Capital Editora.
- Malinowski, M., Siuda-Ambroziak R. (2020). O Gaúcho-Polonês no contexto da pluralidade cultural étnica no Rio Grande do Sul. *Projeções. Revista de Estudos Polono-Brasileiros*, (II/2), 47-64.
- Siuda-Ambroziak, R. (2017). Religião na construção da identidade étnica dos polono-brasileiros. In I. R. Augusto, M. C. Dadalto, R. Siuda-Ambroziak (Eds.), *Subjetividades em trânsito: memória, emoção, e-imigração e identidades* (pp. 11-38). Macapá/Rio de Janeiro, UNI-FAP/Bonecker.
- Wachowicz, R.C. (1981). *O camponês polonês no Brasil*. Fundação Cultural, Casa Romário Martins.
- Ziółkowska-Boehm, A. (2016). Przedmowa/Prefácio. In T. Łychowski, *Spojrzenia. Wiersze wybrane*. (pp. 9-13). Letra Capital Editora.

VOLUMES DE POESIA DE TOMASZ ŁYCHOWSKI:

- Łychowski, T. (1956). *O Parnasso*. Rio de Janeiro.
- Łychowski, T. (1996). *Glimpses/Vislumbres*. Rio de Janeiro.
- Łychowski, T. (1998). *Voices/Vozes*. Sette Letras.
- Łychowski, T. (2000). *Powiewy/Brisas*. Vicentina.
- Łychowski, T. (2004). *Graniczne progi / Limiars de fronteira / Thresholds*. Centrum Studiów Latinoamerykańskich UW, Towarzystwo Polsko-Brazylijskie.
- Łychowski, T. (2006). *Spotkania/Encontros*. Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego, Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich UW.
- Łychowski, T. (2008). *Skrzydła/Asas*. Muzeum Historii Polskiego Ruchu Ludowego, Instytut Studiów Iberyjskich i Iberoamerykańskich UW.
- Łychowski, T. (2014). *Recomeço*. Letra Capital Editora.
- Łychowski, T. (2016). *Spojrzenia. Wiersze wybrane*. Letra Capital Editora.
- Łychowski, T. (2020). *Brama/O Portão*. Letra Capital Editora.
- Łychowski, T. (2022b). *Arka Noego/Arca de Noé*. Frazza.